

Calha Norte

Areativação do projeto Calha Norte está na ordem do dia. O Ministério da Relações Exteriores e as Forças Armadas estão de acordo em adotar a iniciativa com a maior urgência possível. Aí reside a síntese do que o chanceler Luiz Felipe Lampreia anunciou perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado, a fim de dissipar as apreensões dos senadores sobre a alarmante situação colombiana.

A guerrilha e o narcotráfico, associação pervertida de revolucionários tardios e criminosos ferozes, há tempos deram-se as mãos no vizinho país andino. E o converteram em cenário de um dos mais sanguinolentos conflitos já ocorridos na América Latina. O alvo é o governo do presidente Andrés Pastrana. Há receios de que os Estados Unidos, maiores consumidores mundiais de drogas, portanto mercado preferencial dos cartéis colombianos (Cáli e Medellín), reajam com intervenção militar no país.

É claro que eventual escalada da insurreição interna na Colômbia, por efeito do assalto de tropas estrangeiras, provocará riscos à segurança das fronteiras brasileiras na Amazônia. O general Barry McCaffrey, comandante da luta antidrogas dos Estados Unidos, já advertiu em reiteradas oportunidades que a questão é de natureza "regional", embora negue a existência de plano para a intervenção.

Seja como for, a Amazônia brasileira é a rota de fuga natural para a execução de táticas de recuos e avanços das forças já agora

em luta aberta. A vulneração das fronteiras provocará não apenas a regionalização do conflito. Pior, alargará as portas para acesso dos cartéis ao corredor já aberto no Brasil destinado ao trânsito de entorpecentes no rumo dos mercados mundiais.

É de alguma forma inquietante que o projeto Calha Norte volte ao centro das preocupações nacionais em razão de ameaças latentes. Mas antes tarde do que nunca. Criado em 1985 durante o governo Sarney, sob inspiração do general Rubens Bayma Denys, o sistema de defesa dos limites ao norte deveria proteger os seis mil quilômetros de fronteiras com as Guianas, Venezuela e Colômbia.

Voltavam-se os seus objetivos para o "fortalecimento das expressões do poder nacional, verificação das fronteiras e integração e desenvolvimento da Região Norte". Mas a crescente escassez de recursos públicos acabou por reduzir o Calha Norte a simples programa militar, assim mesmo em dimensões insuficientes quanto às tropas e aos equipamentos.

O Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), criado há três anos para controlar o espaço aéreo, ainda está em fase primária de instalação. Da rede de cinco radares prevista, só um, em São Gabriel da Cachoeira, foi posto em operação.

As labaredas narco-revolucionárias da Colômbia, se aterradoras para o equilíbrio político na América Latina, pelo menos serviram ao Brasil para retemperar sua decisão de promover a segurança, a integração e o desenvolvimento da fronteira norte.